

ESPECIAL



# RAUL SOLNADO

1929-2009

## Um homem no coração dos portugueses

Raul Solnado, humorista e actor, talvez o mais popular em Portugal, e o que mais entrou no coração dos portugueses como homem, morreu sábado, aos 79 anos, de problemas cardíacos. Talvez ele próprio ficasse admirado se visse como o país se comoveu na hora da sua despedida, não o tendo afinal esquecido nunca, mesmo quando as programações televisivas davam a ideia de que os ares dos tempos o tinham varrido. Um povo inteiro foi tocado por um actor verdadeiramente afectuoso

Texto de **Pedro d'Anunciação**

**V**EMOS agora que a televisão, e sobretudo a RTP que tanto lhe devia, erraram ao embalá-lo em ilusões, evitando os últimos projectos da sua vida – que nunca deixou de os ter, até a doença o minar completamente. Porque mesmo quando se viu abandonado pelos programadores e se lançou pelo país, em teatros de terras grandes e pequenas, com as suas **Conversas à Solta**, sofrendo da saúde e ligado a apetrechos médicos que não se viam, o publico acorreu a vê-lo e a acla-

má-lo. Talvez por isso, Nuno Artur Silva, que com as suas Produções Fictícias domina os ares dos tempos humorísticos, tenha feito com ele a última série televisiva de Solnado, as **Divinas Comédias**, em quatro episódios de 50 minutos, sobre os últimos 50 anos do humor em Portugal, que a **RTP1** oportunamente emitiu esta semana. No fim das gravações, Raul avisou inesperadamente ser aquele o seu último programa de televisão, confessando estar já a sentir-se muito mal.

Mas vejamos só duas das muitas coisas que a RTP lhe deve: um dos seus melhores programas de sempre (o melhor?), o **Zip Zip**, que marcou semanalmente, às segundas-feiras, durante sete meses, em 1969, com inteligência e ousadia, a acanhada Primavera Marcelista; e indiscutivelmente o melhor e mais popular concurso televisivo de sempre da **RTP**, **A Visita da Cornélia**, já depois do 25 de Abril (1977), que como o **Zip Zip** fazia o país parar: →



**Infância e adolescência** e no canto direito primeiros passos como actor



Nessa altura, ele era já há muitos anos o mais popular humorista português. Veio do nada e singrou por si, tornando-se maior do que tudo até então conhecido, quer antecipando cá em muitos anos a *stand up comedy*, quer desempoeirando o humor português, ao trazer para Portugal, numa versão muito nacional e incomparavelmente melhor do que a original, as histórias do catalão Miguel Gila **A Guerra de 1908** ou **A História da Minha Vida**. Passaram a ser 'A guerra do Solnado', e 'A Vida do Solnado'. Era um *non sense* cheio de sentido crítico e de inteligência. Curiosamente, ele costumava dizer que «**o humor ou é fácil, ou é impossível**». No entanto, nunca caiu na graça fácil, nem uma única vez recorreu ao expediente corriqueiro do palavrão para arrancar uma gargalhada. E sofreu por ficar demasiado tempo demasiado agarrado ao sucesso estrondoso destas rábulas. Saboreou os êxitos televisivos do Zip e da Cornélia como formas de se distanciar dessa pe-

cha, de se ver constantemente identificado como o 'Solnado da Guerra', ou o da sua vida, ou o do *poliban* (outro dos seus deliciosos textos de *non sense*).

Tinha duas características que em princípio inviabilizariam uma carreira de actor: era gago e tinha inúmeros tiques. Mas a gagueira, os tiques, acabaram por ajudá-lo a marcar os tempos, e a ter graça. E viu-se depois, por exemplo, no papel seriíssimo de agente da Polícia, no filme **A Balada da Praia dos Cães** (1987, de José Fonseca e Costa, baseado no livro de José Cardoso Pires) – que também o ajudou a ser um extraordinário actor dramático. Como ele dizia não é coisa fácil de aprender: «**É um dom com que se nasce**».

Pode ter deixado discípulos; mas nenhum herdeiro teve a sua dimensão. Basta pensar na distância enorme que separa Solnado de Herman José, mesmo admitindo que este também deu um salto em frente.

**ERA UM *non sense* cheio de sentido crítico e inteligência. Dizia: 'O humor ou é fácil ou é impossível'**

### **Sucessos públicos, tristezas privadas**

O sucesso público de Raul Solnado foi praticamente

## 62 ANOS DE CARREIRA

A televisão trouxe-lhe «milhões de admiradores», como reconhecia, em êxitos como o **Zip Zip** (com Fialho Gouveia e Carlos Cruz), **A Visita da Cornélia**, **E o Resto são Cartigas**, **Banqueira do Povo**, **Querido Avô**, ou **A Ilha dos Amores** (em que contracenou com a neta Joana Solnado).

Começou em 1947, como amador, na Sociedade Guilherme Cossoul, à Madragoa, com a peça **María Emília**, de Alves Redol. Em 1952, já actor profissional, entrou no espectáculo **Sol da Meia-Noite**, encenado por José Viana no Maxime. Em 1953, estreou-se na sua primeira revista, **Canta Lisboa**, ao

lado de Laura Alves, seguindo-se no mesmo ano **Viva o Luxo e Ela não Gostava do Patrão**. Em 1955, na revista **Bota Abaixo!**, criou uma das suas mais famosas personagens, o Cantinflas, entre o *clown* e o pobre diabo. Em 1962, gravou em disco **A Guerra de 1908**, com **A História da Minha Vida** no lado B. Igualmente bem sucedidas as histórias **O Cabeleireiro**

**de Senhoras**, **Chamada para Washington**, **A Bombeiral da Moda** ou **Ida ao Médico**.

Em 1964, criou e dirigiu o Teatro Villaret, onde promoveu alguns dos mais importantes espectáculos da década de 1960 (estreia em 1965 com **O Impostor-Geral**, de que foi o protagonista).

Em 1988 subiu pela primeira vez ao palco do Teatro Nacional D. Maria II

É do inimigo?, sketch famoso de 1977



sempre acompanhado pelas tristezas da sua vida privada.

Começou por ser infeliz na infância, com a morte da mãe à nascença. Embora nunca escondesse o amor e admiração pelo pai (de quem achava ter herdado o sentido ético da vida, e de quem certamente herdou também o lado boémio) ou por uma irmã da mãe, a tia Maria do Carmo, com quem passava temporadas (e que lhe terá transmitido a comoção fácil e o feitio afectuoso) – teria uma convivência mais difícil com as madrastas que a vida lhe trouxe. As relações sentimentais foram difíceis (desde a primeira mulher, a actriz brasileira Joselita Alvarenga, de quem teve os dois primeiros filhos, passando por uma dinamarquesa de quem teve

mais uma criança, e acabando na última grande relação da vida, com Leonor Xavier, que deixou escrita a sua biografia), mas acabaram sempre em amizades estreitas. E os filhos foram cadilhos, que a sua ternura imensa ajudava a gerir, ultrapassando todas as perplexidades.

E depois houve as doenças, tantas, a atormentar-lhe as subidas ao palco, ou as exposições frente à câmara: o primeiro enfarte, quando actuava na Venezuela, em 1982, e que o fez sentir-se, nas suas palavras «um inquilino da morte»; e logo, numa cadên-

**COMEÇOU** por ser infeliz na infância, com a morte da mãe à sua nascença. Do pai herdou o sentido ético

cia terrível, mais problemas no coração, uma operação de peito aberto, o cancro no pulmão, a próstata, os problemas nas pernas, o cataterismo que o deixou tempos com a fala afectada – e ele sempre a lutar pela vida, até este último casaco enorme, com que o coração lhe anunciou a derrota.

### As inquietações de um místico

Frei Bento Domingues, de quem foi amigo, e com quem muito conversou, achava-o um místico. Pelo menos, não escondia as inquietações →

na peça **O Fidalgo Aprendiz**, de D. Francisco Manuel de Melo, numa encenação assinada pelo seu amigo Varela Silva. Em 1992, passa pelo São Carlos, na opereta **O Morcego**, de Johann Strauss. Em 1994 está de novo no D. Maria II, com **As Fúrias**, de Agustina Bessa-Luís. Em 1999 foi a inauguração da Casa do Artista. Em 2001, fez a sua última peça de teatro no Trindade, O

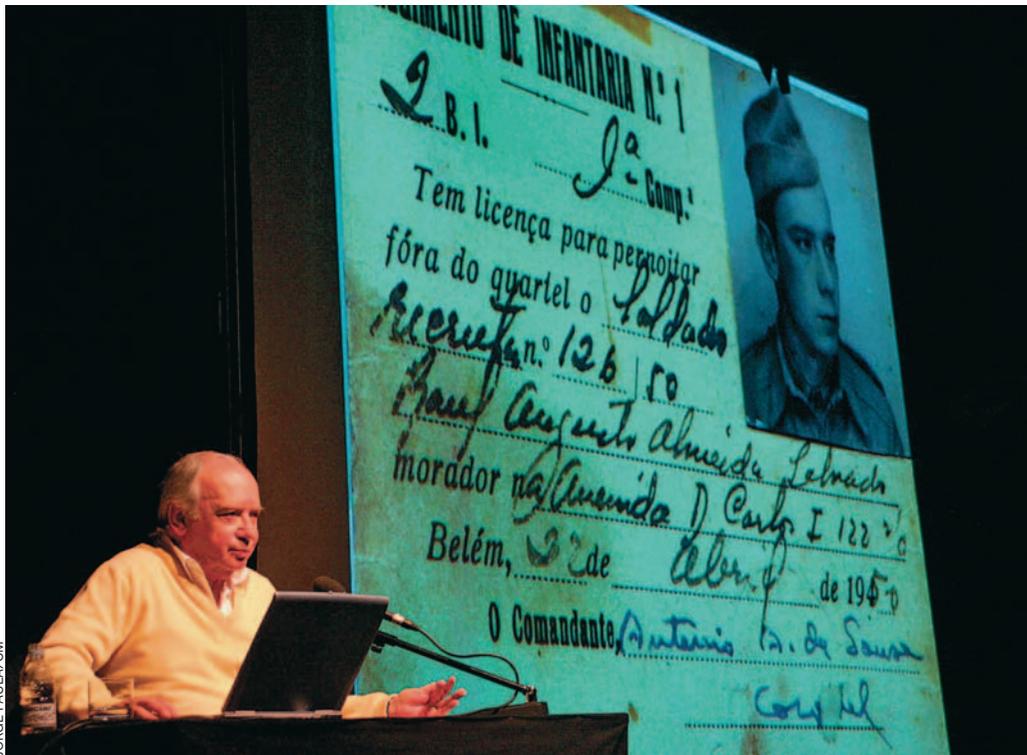
**Magnífico Reitor**, em que o autor Freitas do Amaral recordava Marcello Caetano. Em 2002 meteu-se ao caminho do país, a partir do Casino Estoril, com as **Conversas à Solta**. Iniciou-se no cinema em 1956 num dos filmes pedagógicos da série Ar, Água e Luz, incluídos na Campanha Nacional de Educação de Adultos. Andou em filmes menores como O

**Noivo das Caldas**, de Arthur Duarte (1956), **Perdeu-se Um Marido**, de Henrique Campos (1957), ou **O Tarzan do 5.º Esquerdo**, de Augusto Fraga (1958). Mas aqui o seu trabalho mais sério seria dramático: **Dom Roberto**, de José Ernesto de Sousa (1962), **A Balada da Praia dos Cães**, de José Fonseca e Costa (1987), **O Bobo**, de José Álvaro

Morais (1987), **Aqui D'El Rei!**, de António-Pedro Vasconcelos (1992), curta-metragem **Senhor Jerónimo**, de Inês de Medeiros (1998), e **Call Girl**, de novo de António-Pedro Vasconcelos (2007). Teve um pequeno papel em **Requiem** (1998), rodado em Lisboa por Alain Tanner. Deixa por estrear outro drama, **América**, de João Nuno Pinto.



PEDRO COSTA/EPA LUSA



JORGE PAULAVICIM

que uma fê nunca inteiramente descoberta lhe provocava, e que terá partilhado também com um dos seus maiores íntimos, António Alçada Baptista. Em 1998, chegou a escrever umas reflexões sobre a sua procura da transcendência. E já nos anos 70, quando regressou de uma complicada *tournée* por Moçambique, e se depa-rou com problemas por cá,

correu ao mosteiro franciscano do Varatojo, onde alguém o aconselhou a procurar então o jovem padre Milícias. Desde aí, passou a visitar regularmente o Varatojo, a 4 de Outubro, dia de S. Francisco de Assis, e gostava de ali ficar algum tempo com os frades.

E foi um dos grandes apoiantes da obra social de Monsenhor Bastos, em Peniche – a favor da qual fez espectáculos em Portugal e no estrangeiro, e para quem mobilizou apoios vários.

Era baptizado, mas nunca tivera formação religiosa, e procurou por si caminhos para a essência da vida. A própria entrada na Maçonaria, nos anos 80 (consta que pela mão do amigo Soares Louro), deveu-se à sedução de uma normativa ética. Mas a sedução acabou em desilusão (aparentemente, pela forma ligeira com que viu barrada a entrada de um amigo) e afastou-se das práticas e da frequência da instituição. Contava-o discretamente, a amigos, sem alardes: a ilusão e a desilusão daquele mundo, em que tinha amigos grandes.

Deixou, enfim, marcas como homem de causas, e de generosidades que todos os amigos e conhecidos testemunham – e até uma militância política efêmera (sempre as desilusões) no PS. Deixou uma obra mais palpável e visível, ao fundar com Armando Cortez a Casa do Artista (para artistas reformados em dificuldades), que dirigiu até ao fim da vida. E ainda criou o Tea-

## AINDA sonhou ser médico. O pai imaginava-o seu sucessor na Vassouraria da Esperança e pô-lo na Escola Comercial

tro Villaret, que dirigiu entre 1964-70, para ir além das lógicas puramente comerciais.

### Um rapaz dos bairros

Raul Augusto Almeida Solnado nasceu a 19 de Outubro de 1929, na Madragoa, e foi sempre um rapaz de bairro. Para ele Lisboa (de onde se orgulhava de ser, como dizia, «**modéstia à parte**») nunca foi um todo, mas uma cidade de bairros,

com as suas características e rivalidades.

Ainda não há muito tempo confiava como o surpreendera um miúdo a quem perguntou de onde era, e que lhe respondeu: «**De Lisboa**». Mas de que parte de Lisboa?, insistiu Solnado. E contava que o miúdo pensou, pensou, e disse finalmente: «**De Lisboa toda**». E concluía ele: «**NO meu tempo, ser da Madragoa, ou de outro bairro tinha importância**».

O facto de a mãe ter morrido à sua nascença deixou-lhe sempre a primeira grande amargura. Cresceu com o amigo Varela Silva, igualmente orfão de mãe, vizinho e de famílias amigas. Ainda sonhou ser médico. O pai imaginava-o antes como sucessor à frente da sua Vassouraria da Esperança, e pô-lo a estudar na Escola Comercial. Mas levava-o muitas vezes ao teatro, mesmo quando ele ainda não tinha idade para as peças que iam ver, e ajudou-o a enredar-se no bichinho que conduziria a sua vida.

Seria ainda na Madragoa, na Sociedade Guilherme Cossoul, que se iniciaria no teatro amador, com José Viana e Jacinto Ramos como primeiros mestres. Chamou-lhe ‘o Conservatório da Esperança’. Ainda che-

gou a inscrever-se num curso nocturno do verdadeiro Conservatório, mas foi só a uma aula. Preferiu ter os bastidores dos teatros, como ele dizia, como ‘o seu conservatório’. E ali admirar o trabalho dos ídolos da época (António Silva, o maior de todos, a cara da comédia portuguesa dos anos 40 e 50, seria quem mais puxaria então por ele).

A estreia como amador, na Guilherme Cossoul, seria aos 18 anos, em 1947, na peça **Maria Emília**, de Alves Redol, com apenas cinco minutos em palco, mas toda uma emoção. Em 1952 teve a primeira experiência profissional, no espectáculo **Sol da Meia-Noite**, encenado por José Viana no Maxime. Vasco Morgado viu-o, e convidou-o para o Monumental.

Depois, foi sempre a saltar de sucesso em sucesso, até a voracidade dos programadores modernos se distraírem, e não perceberem como o público o amava ainda a ele, ao seu trabalho inteligente e atento à realidade, e ao humor popular mas sem graçolas rústicas. Só não fez circo – que dizia apreciar «**quando os artistas chegam de limousine**».

A última aparição será já póstuma, depois da série televisiva **Divinas Comédias**, vai ser no filme **América**, de João Nuno Pinto, que está a

ser terminado (foi rodado entre Outubro e Dezembro de 2008), e onde a personagem interpretada por Raul Solnado morre, com uma morte filmada em vários ângulos diferentes, que o deixou extenuado. Já longe do dia, nos anos 80, em que se despediu dos espectadores, num programa televisivo, com este pedido: «**Façam o favor de ser felizes**». É o baixar do pano.





LUSA

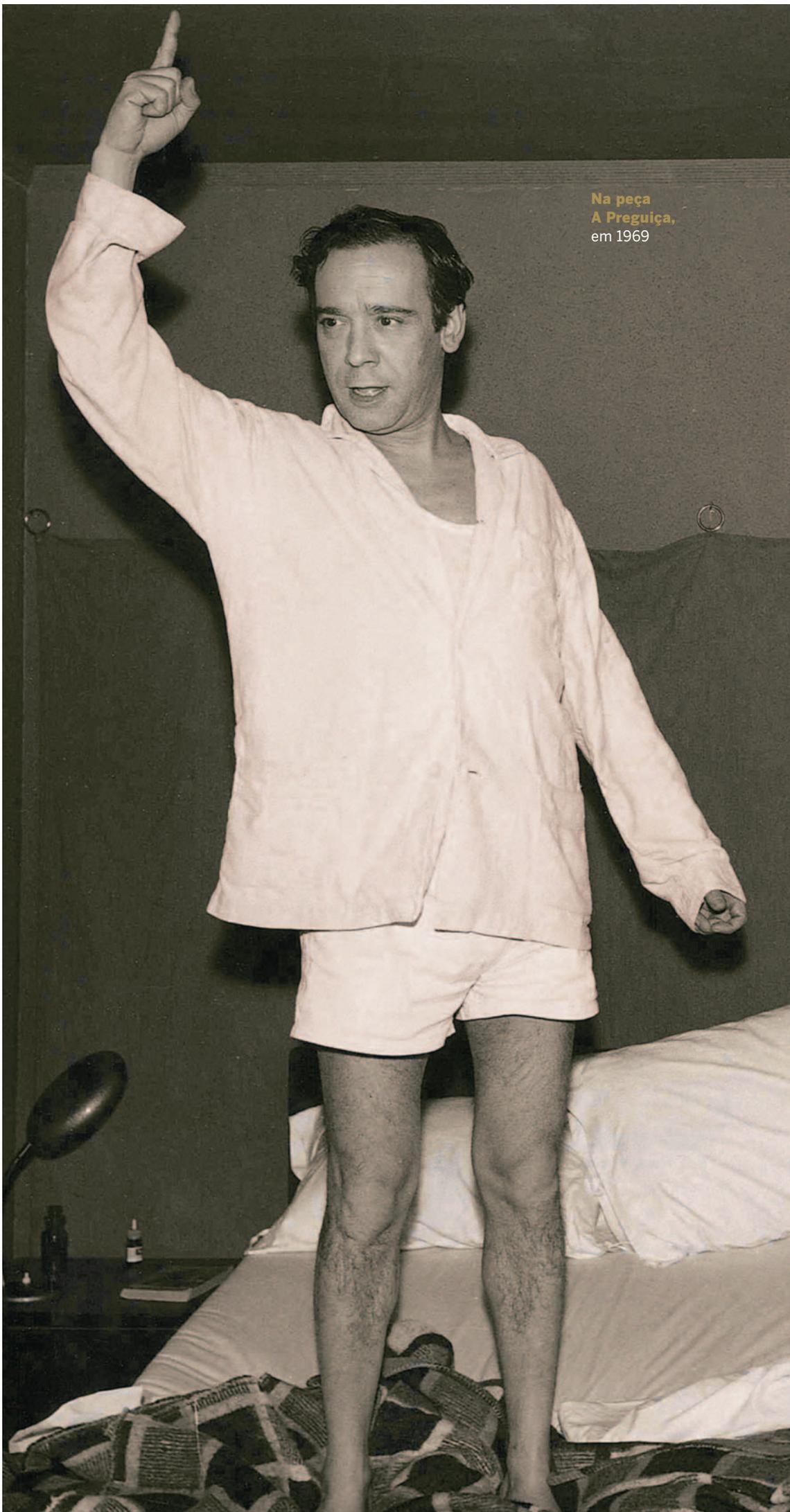
**Jorge Sampaio**, então Presidente da República, atribuiu a Raul Solnado a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique (na foto, com Durão Barroso e Leonor Beleza). O actor numa palestra, com uma fotografia gigante do seu cartão militar. E com José Sá Fernandes e Gonçalo Ribeiro Telles, na apresentação da candidatura de António Costa à Câmara de Lisboa (da esq. para a dta.)

## A VINGANÇA DE ALCÁCER QUIBIR

CONHECI Raul Solnado nos anos 80, nas tertúlias do Procópio e do Saraiva's, quando em Lisboa ainda havia estas tertúlias que misturavam actores, políticos, militares, escritores, realizadores, empresários, jornalistas, etc. Cheguei a ser seu vizinho ocasional, num apartamento que a minha mulher tinha no prédio em que ele morava, ao Bairro Azul. Não tive a intimidade de José Mensurado ou Carlos Cruz, que viveram meses em sua casa, nem a de outros amigos mais próximos. Mas senti-lhe o afecto, a ternura, a graça, a inteligência e a desmedida generosidade. E vi como também sabia ser cáustico, quando parecia haver razões para isso. Sempre com graça. Ou então conheci-lhe zangas mais amargas, pela perplexidade de ver atropelar valores éticos que lhe pareciam essenciais. Mas era assim divertido: uma vez, na conversa com Júlio César, veio à baila D. Sebastião. E logo os dois acharam que deviam ir a Alcácer Quibir vingá-lo. Meteram-se num carro e foram logo, nessa mesma noite. Dormiram em Elvas e no dia seguinte, já estavam em Marrocos. Correram a Alcácer Quibir. Chegaram lá pela meia noite. Contava ele: «Chegámos, e mijámos. Mijámos ali, no chão, em Alcácer Quibir. Foi a nossa vingança. Foi como lavar a face do Rei».

P.A.

DN, DR



Na peça  
**A Preguiça**,  
em 1969

# Antena livre

Há 40 anos, o Zip Zip fintou a censura e deu tempo de antena aos intelectuais, aos revolucionários, ao povo e a três futuros históricos da televisão portuguesa

Texto de **Ana Markl**



**D**E SÚBITO prova-se que era possível o humor; que era possível refrescar as variedades, que era possível a convivência da inteligência e do riso. Com Zip, inicia-se na televisão portuguesa, no 13º ano da sua existência, a escalada da naturalidade. Subiu-se um degrau e, embora a escada seja longa, subsiste a realidade: subiu-se um degrau», escreveu Mário Castrim a 27 de Maio de 1969. Horas depois da estreia do programa, o cáustico crítico do *Diário de Lisboa* vergava-se perante o novo fenómeno da televisão portuguesa.

Durante sete meses, todas as segundas-feiras, um Portugal vagamente desanuviado pela Primavera Marcelista parava para ver o Zip Zip, o pioneiro talk

show concebido e apresentado por José Fialho Gouveia, Carlos Cruz e Raul Solnado. É verdade que, com apenas um canal de televisão em antena, não havia zapping que parasse o Zip. Mas, se guerra de audiências houvesse, nenhuma auditoria seria tão precisa como o número de descargas contabilizado pela EPAL. «A uma certa hora, todas as segundas-feiras, havia uma descarga de água fora do normal porque as pessoas iam fazer xixi no intervalo. Era um 'autoclismómetro' [risos]», recorda Carlos Cruz.

O impacto do programa ecoa ainda nos tempos de inquietude do telecomando. E, segundo Carlos Cruz, os bolsos dos cinéfilos portugueses ainda têm muito a agradecer ao Zip. «Às segundas-

feiras à noite, as salas ficavam vazias. Por isso, os grandes cinemas de Lisboa, como o São Jorge ou o Império, fizeram um acordo para baixar o preço dos bilhetes à segunda-feira. Por outro lado, quisemos que o programa passasse segunda à noite porque era o dia de folga dos actores e, como o Raul era um homem do teatro, nunca lhe passaria pela cabeça tirarmos público às peças».

Os camionistas paravam à beira da estrada à procura de um televisor na tasca mais próxima. Uma assembleia geral do Benfica chegou a ser adiada. Quem não via o Zip Zip não era bom chefe de família. Não se tratava apenas de um programa de entretenimento mas de um sopro de liberdade. «Tínhamos a consciência

de que o país precisava de liberdade de pensamento e de expressão, por isso, aproveitando a força do programa, fomos conquistando terreno e fomos afoitando – com cuidado, porque o truque era enganar a censura».

O Zip enfrentava o regime como quem não quer a coisa mas quer: Ou como quem quer a coisa mas não pode. Em todas as gravações, lá estava o censor na plateia do Teatro Villaret, de faca moral em riste. «No final, dava-nos a lista dos cortes e nós percebíamos que, quanto mais avançamos, mais a censura apertava, apesar da estupidez que caracterizava a maioria dos censores». A coisa resolvia-se a regatear: se cortassem isto, não podiam cortar aquilo. E se cortassem aquilo? Não

## PATRÍCIA VASCONCELOS

Patrícia Vasconcelos, olheira de talentos e cantora, vai estreiar-se como realizadora num documentário sobre Raul Solnado para a RTP, apoiado pelo ICA e pelo FICA. A ideia era antiga, pretendia assinalar os 80 anos do actor e consistia numa viagem de 24 horas pela Lisboa da sua vida, partindo da Sociedade de Instrução Guilherme Coussoul para outros locais que o viram crescer. Com o documentário na calha, só já não foi a tempo de filmar com Solnado. «Se sentia

responsabilidade por estar a realizar pela primeira vez, agora ainda sinto mais». O guião, escrito com Leonor Xavier (a última companheira de Solnado), teve de levar uma reviravolta, «infelizmente, por razões óbvias», mas Patrícia Vasconcelos acredita ter encontrado «um novo fio condutor» que permitirá mostrar as diversas facetas de Solnado através de entrevistas a pessoas importantes na sua vida, «conhecidas e anónimas», e de apontamentos que foi recolhendo ao longo dos últimos tempos com o actor. Tem como objectivo fazer um documentário «muito bonito e humano, como

ele, que terá de acabar com um sorriso nos lábios e talvez uma lágrima, mas uma lágrima feliz». Patrícia Vasconcelos recorda Raul Solnado como «absolutamente extraordinário» e a prova disso é que «em todas as gerações vivas não há ninguém que não o conheça. Até a minha filha de seis anos». Tal como estava previsto, a realizadora pretende ter o projecto terminado até 19 de Outubro, data em que Solnado faria 80 anos.

A.M.



ANTÓNIO PEDRO SANTOS

# 1969

## OS ARES DE LIBERDADE COM MARCELLO

havia mais programa para ninguém. «E aí, a administração da RTP, que era a própria máquina da censura, tremia. A força do programa era imparável e eles tinham medo que um dia o Zip não fosse para o ar e nós viéssemos cá para fora dizer que tínhamos desistido por causa da censura. Era esse calcanhar de Aquiles que permitia dizer e fazer certas coisas no programa» como as actuações do Padre Fanhais ou as entrevistas a Jorge Amado, ao Professor Agostinho da Silva ou a Almada Negreiros – a primeira de todas, revolucionária e decisiva na direcção mais interventiva que o Zip Zip iria tomar.

Gouveia, Solnado e Cruz tornaram-se assim um ombro para o povo português. A política, entre muitas aspás, fazia-se através da proximidade do programa aos cidadãos e do humor dos bonecos de Raul Solnado. «A escrita das rábulas era a parte mais divertida: juntávamo-nos os três, de madrugada, em casa do

Raul, a comer sopa de feijão com couve cozinhada pela então mulher dele, a Joselita Alvarenga. E lá discutíamos ideias, sempre à procura de algo com significado para as pessoas». Para a memória, ficam personagens como o turista Fritz e o carteirista Alfredo. Entretanto, Carlos Cruz e companhia iam percebendo que o povo não era assim tão sereno: todos os dias, recebiam «400 cartas de espectadores a contarem as suas vidas, os seus casos dramáticos, a fazerem os mais variados pedidos. Isso dava-nos a certeza de que as pessoas estavam afastadas da vida colectiva mas não estavam desatentas». Como escreveu Alexandre O'Neill no *Diário Popular*, sob o pseudónimo A. Jazente, «No Zip criticaram-se como nunca antes publicamente se fizera pessoas e institui-

ções consideradas intocáveis. Da parte de quem o permitiu foi este um lance bem inteligente. O público teve a sensação de que havia mais liberdade na crítica e, portanto, um dos principais objectivos do programa foi plenamente atingido». E acrescentava: «Como diversão, Zip Zip correspondeu ao que seria de esperar: consumiu até ao forro essa endiabrada figurinha de cómico que é o Solnado».

Quatro décadas depois da estreia do Zip, Raul Solnado morreu. Foi ele o grande impulsionador do programa, após a saída de Cruz e Gouveia do programa PBX, no *Rádio Clube Português*. «Vamos os três propor um programa à televisão». Afirmaria mais tarde que tinha sido «completamente feliz» durante os sete meses de Zip.

O programa não sobreviveu, porém, aos apertos da censura. «Agora regressamos à rotina das fitas estranhas, aos programas enlatados, às musicatas da neurovisão? Regressaremos,

quem sabe, às farinhas da primeira infância? Regressaremos ao biberão que nos ajuda a morrer os serões? Ninguém pode responder. Ninguém sabe. O que se sabe é que o Zip Zip morreu quando (como se costuma dizer nas necrológicas) tanto ainda havia a esperar do seu talento. A sua última emissão constituiu uma sentida manifestação de pesar. O Zip Zip morreu. Viva o Zip Zip», escreveu Mário Castrim depois do último programa, a 30 de Dezembro de 1969.

Com a morte de José Fialho Gouveia, em 2004, Carlos Cruz é hoje o único vértice vivo desta memória. Mas não há motivo para lamúrias. «Eu também não fico cá... E será interessante fazermos o Zip Zip num outro mundo, melhor do que este». 

ana.markl@sol.pt

Por cá vivia-se a Primavera Marcelista, lá fora o homem chegava à lua e no festival de Woodstock milhares de jovens opunham-se às guerras gritando 'make love not war'.

1969 foi o ano em que mundo deu mais uma volta aproximando-se do que é hoje. O Maio de 1968 tinha passado mas a vontade de mudar a sociedade ficara.

Salazar estava já de fora da política sem, no entanto, o saber ou fingindo não saber, e Marcello Caetano tinha assumido as rédeas do regime. Com esta sucessão chegaram a Portugal alguns ares de liberdade. Estava-se em ano de eleições, que se realizariam em Outubro sem surpresas, dando a maioria ao partido que apoiava o regime, mas contando com nomes como o de Sá Carneiro que formaria mais tarde a 'ala liberal'. A campanha eleitoral já permitiu alguma liberdade de expressão por parte dos movimentos da oposição e os portugueses tiveram a sensação de que o regime estava a abrir-se.

Marcello dava alguns sinais disso mesmo. A 27 de Março remodelou o Governo, pondo de lado alguns expoentes da trincheira salazarista, chamando o que veio a chamar-se de 'ala tecnocrática'. João Salgueiro, Rogério Rodrigues e João Cravinho foram alguns dos que aceitaram colaborar e que vieram mais tarde a ter um papel relevante na democracia. O congresso da oposição em Aveiro juntou centenas de oposicionistas e as conclusões foram publicadas na revista *Seara Nova*. O bispo do Porto foi autorizado a regressar a Portugal depois de ter sido expulso por Salazar e o país conheceu um certo desanuviamento.

A par, o país viveu em Abril uma das mais profundas crises académicas, com epicentro em Coimbra, mergulhando a cidade universitária num verdadeiro clima de guerra civil, num rastilho que se estendeu ao país.

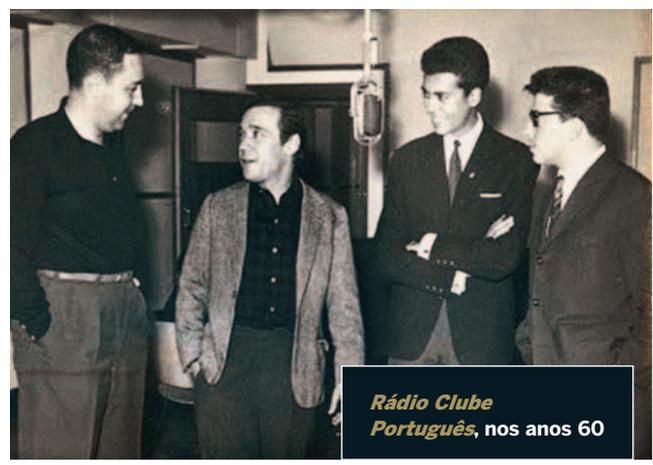
O clima de contestação assustou o regime. A repressão abateu-se sobre os estudantes, mas para os restantes sectores da sociedade, Marcello não quis recuar na margem de liberdade que tinha permitido. Assim se viveram os meses até às eleições. Já nada voltaria a ser como era. Fora do Portugal fechado sobre si próprio, o mundo ia mudando. Nixon tomou posse como Presidente dos Estados-Unidos, Khadhafi derrubou a monarquia na Líbia, Soljenitsine começou a ser perseguido na então União Soviética. O mundo estava mesmo a mudar, em Portugal a mudança seguia mais lenta, mas mudava-se.

jeronimo.pimentel@sol.pt



MANUEL MOURA / LUSA

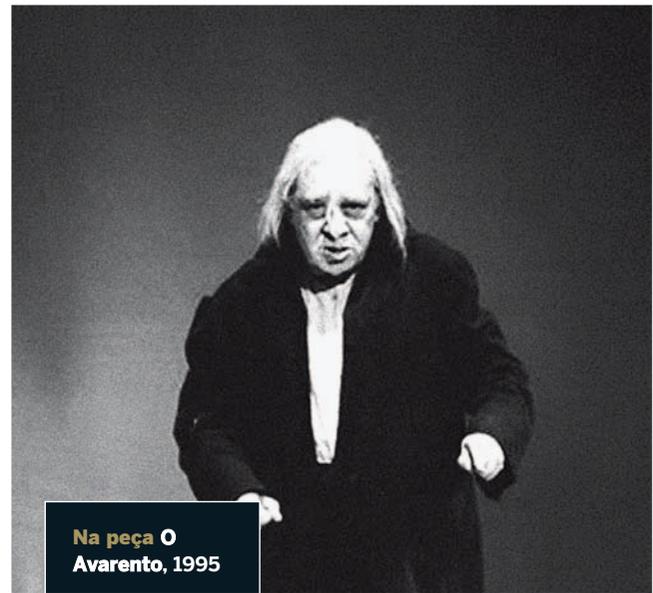
No programa *A Visita da Cornélia* a entrevistar Pelé



*Rádio Clube Português*, nos anos 60



Em *A Visita da Cornélia*, 1977



Na peça *O Avaro*, 1995



O mítico trio do *Zip Zip*, RTP1

DN, DR



A atitude que mudou o humor



Ante-estreia de Balada da Praia dos Cães, com Fonseca e Costa



Raul Solnado já em 2009, o ano em que se despede de nós